O OVARENSE

NUMERO 767 — *Proprietario e Editor*=Placido Augusto Veiga — ANNO XIV

OVAR, 24 de Julho 1898

A questão das subsistencias

O governo tem sido incansavel em providenciar para que no paiz se não sinta a crise cerealifica e a fome não bata á porta dos pobres.

De peor consequencias do que essa crise era a desenfreada especulação a que se votaram alguns commerciantes d'occasião. E tanto isto é verdade que, desapparecendo a falta dos cereaes, havendo tal abundancia, que provocou protesto da parte dos lavradores, começou a especulação das farinhas, attingindo estas um preço desproporcional e nunca visto.

Felizmente o governo não descurou o assumpto e os especuladores não veem durar por muito tempo as excepcionaes circumstancias, que favoreceu os seus arranjos. Para conseguir este benefico resultado, o ministro das obras publicas, especialmente, tem trabalhado a valer. E' certo que se não encontrasse o auxilio valioso d'alguns industriaes, os seus esforços resultariam nullos, mas tambem só a sua boa vontade podia congregar tão uteis elementos para combater esse mal.

*

As providencias governativas devem ainda ser encaradas debaixo do aspecto em que interessam á ordem publica.

Se o povo do norte visse o governo ficar de braços cruzados, o preço das farinhas de milho subir desproporcionalmente e a fome apparecer, por certo que não se conservaria socegado. E' má conselheira a fome. E nas occasiões difficeis não faltam discolos a aproveitar o descontentamento das massas para as lançar em desordens, em loucuras.

A fome havia de lembrar anteriores aggravos e trazer á discussão esbanjamentos. D'ahi atè ao extremo iria pouco.

Ainda ha dias, a Hespanha, viu quasi o estalar d'uma revolução, porque o preço das farinhas subiu rapidamente com as primeiras noticias da guerra e com os movimentos dos especuladores. E' possivel que d'esses factos o nosso governo tirasse a licção. Se ahi aprendeu bom foi, porque, ao menos, o paiz está completamente socegado, não apparecendo a mais pequena nota discordante, o mais insignificante protesto.

Por isso louvamos sem reserva o governo, pelo seu trabalho obstinado e intelligente em favor das classes pobres. Póde desagradar a um ou outro especulador poderoso; mas encontra, para compensação, a simpathia das classes menos abastadas. Comprehendeu bem a sua missão. E' digno dos louvores de todos.

Ainda a demissão de Mousinho

Está officialmente confirmada a demissão do commissario régio de Moçambique, Mousinho d'Albuquerque. O seu pedido de demissão foi seguido de eguaes pedidos de varios intendentes e de officiaes do seu estado maior, dos que ultimamente o tinham acompanhado e formavam a côrte do pequeno rei d'Africa Oriental. Ao mesmo tempo o governo terminou com o cargo de commissario régio em Moçambique, nomeando um simples governador, como antigamente.

O decreto que reduziu as attribuições dos commissarios régios foi, pois, uma medida de grande alcance governativo. Produziu o primeiro beneficio—acabar com os pequenos reisitos nas nossas colonias, reisitos que absorviam dezenas de contos ao thesouro: supprimir o estado maior de Mousinho, que nos custava rios de dinheiro: e limitar as aventuras guerreiras, com que iam sonhando alguns militares, ciosos da fortuna do ex-commissario régio.

Ainda nenhum governo teve a coragem d'arcar com egual difficuldade. Os abusos longe de se restringirem iam-se alastrando à sombra dos chamados direitos adquiridos. Ora terminar um abuso, tendo de sacrificar um soldado que, ainda ha mezes, foi victoriado por todas as terras por onde passou, é bastante.

Embora alguns politicos attacassem o governo por este seu acto verdedeiramente energico e sobretudo de reconhecida economia, os resultados ahi estão a demonstrar quanto esses attaques foram disparatados e ridiculos.

Ainda nenhuma medida do actual governo nos agradou tanto como esta. Ella conforma-se plenamente com o nosso modo de ver quer sobre assumptos coloniaes, quer financeiros.

Nas colonias, a não se venderem, precisamos sobretudo d'administração sensata e não de guerras: nas finanças carecemos das mais sérias economias.

Ora o que se estava passando na Africa Oriental era precisamente o contrario de tudo isto.

O governo tomando a decisão de publicar o celebre decreto, d'um só golpe conseguiu tudo. Accusavam-n'o de não ter força. Vae demonstrando precisamente o contrario:=reprime os especuladores nos mercados e os heroes nas colonias.

Entrando n'este caminho com decedida boa vontade, muito mais ha a esperar dos seus esforços e competencia.

Olhe bem para a Hespanha: alli está um exemplo para tudo...

No concelho

No domingo a auctoridade administrativa mandou pôr á venda farinhas, que havia recebido por ordem do governo, afim de acudir à carestia, que aqui se fazia sentir.

Vieram 50 saccas e o preço de cada 20 litros foi de 700 reis.

Pela manhã, como muita gente desconfiasse de que não vinha a farinha promettida, ainda os especuladores poderam vender a 1$000 reis por cada 20 litros de farinha amarella. Um d'elles vendia limpadura por 800 reis, para gastos de familia, quando toda a gente sabe, que a limpadura póde produzir terriveis consequencias para a saude; mas como a fome era grande, lá ia seguindo o negocio...

Proximo às 11 horas começou a venda por conta da auctoridade. Resolvera-se a principio vender a cada familia 20 litros; mas era tal a porção de gente, que não se poude vender mais de 10 litros.

Houve verdadeiras scenas de lagrimas. Os pobres pediam mais farinha, dizendo=que aquella lhe não chegava para uma semana. Era uma hora da tarde quando desappareceram as 50 saccas da remessa, e muito povo ficára sem farinha.

A auctoridade prometteu mandar vir farinha em mais abundancia, declarando porém que não respondia pelo preço, pois seria o que recebesse da fabrica.

Effectivamente foram requesitadas importantes remessas para hontem e hoje, sendo o preço fixo de cada 20 litros 820 reis.

—

Poz-se assim um dique aos especuladores. Muitos, domingo passado, já se valiam, para obrigar o povo a comprar, de dizer que demandariam os devedores, que lhes não comprassem a farinha. D'um, nos disseram, que, por este processo, chegára a vender bastante farinha branca a 1$200 reis.

Ora, para estes, deve a auctoridade administrativa olhar e, segundo suppomos, tem agora meios legaes para os fazer castigar; e quando outro castigo não conheça, basta, apurado o caso, dar conhecimento official para a repartição da fazenda, afim de serem collectados no logar devido

Segundo nos disseram, a auctoridade administrativa não só continuará a requisitar farinhas, emquanto a crise durar; mas ainda mandou chamar os padeiros perguntando-lhes se careciam de farinhas de trigo para lhes serem fornecidas por conta do governo, caso continuassem a ser victimas da especulação. Os padeiros chamados à administração responderam, que não careciam de farinhas.

—

Temos narrado sufficientemente as deligencias feitas pela auctoridade administrativa para sustar com o estado anormal em que se encontravam os nossos mercados.

E' nosso entender que procedeu como devia e que deveras se interessou para que acabasse a exploração. Fez mesmo mais do que era obrigado.

Ora um jornal da terra encontrou na crise actual motivo para descompor a auctoridade, accusando-a da sua inercia.

E' já infelicidade, não do sr. administrador, porque toda a gente conhece as suas deligencias no caso sujeito; mas do jornal alludido, que tanto n'isto como no mais, é injusto e pouco sensato.

Se em alguma coisa o sr. administrador do concelho tem procedido com deligencia e verdadeira energia, foi na importantissima questão das farinhas de milho, que podia trazer graves e bem graves consequencias.

E' justo que se não regateiem elogios a quem os merece, precisamente como é justo, que se castiguem actos maus. Já por mais d'uma vez temos apreciado menos favoravelmente actos da auctoridade administrativa; agora, por simples amor á verdade, temos por obrigação defendel-a d'uma accusação injusta e bastante facciosa. O seu a seu dono.

Principio de incendio

Na segunda-feira, pela volta da uma hora da tarde, manifestou-se incendio n'uma casa da Travessa do Outeiro.

A proprietaria da casa estava então no Furadouro. Aos gritos do povo que breve se juntou, foi arrombada a porta da casa incendiada e viu-se então que o fogo havia começado na chaminé e ia lavrando pela lareira.

Foi depois promptamente extincto.

Aos signaes d'alarme sahiu o material d'incendios dos Bombeiros Voluntarios, comparecendo quasi todos os bombeiros, que se achavam na villa. Mas a bomba não chegou a ser desmontada e o pessoal trabalhou apenas no serviço do rescaldo.

Os prejuizos são insignificantes.

Reconheceu-se que os sineiros não estão praticos no toque. Pelos sinos não se podia saber do local do incendio, o que é deveras mau, quer porque os soccorros não são chamados logo ao local attacado, quer por se conservarem em sobresalto as pessoas, que estão fora das suas casas.

Parece-nos de toda a conveniencia que se faça qualquer exercicio nas torres, afim de se não repetir a confusão de segunda feira.

O sineiro da egreja matriz continua a fazer pouco caso de dar rapidamente o signal d'alarme.

BRINCANDO...

«E porque não se procurou converter a receita extraordinaria da camara em rendimentos ordinarios?»

Por uma bem simples razão: =os ordinarios não chegavam para as despezas ordinariae e extraordinarias, que toda a gente conhece, e por isso carecia-se de, com receita extraordinaria, cobrir o deficit. Foi o que se fez e se continuará fazendo.

Já estamos a ver o *critico* a bater as palmas de contente por um paralello, que lhe acudiu à cabeça:

Se chegavam no tempo das vereações antigas, porque não chegam agora?

E' com esta pergunta que costumam explorar os basbaques.

Ora as receitas antigas não chegavam como agora não chegam, e tanto que, no tempo d'essas taes camaras, se vendia muita madeira todos os annos, mas à *surelfa*.

E havia uma differença palpavel, é que d'antes os reaes rendiam 12 contos e agora não rendem 5 contos.

E porque não rendem? E' tambem outra pergunta do costume.

Não rendem, porque d'antes nenhumas casas particulares mandava vir vinho de fóra de que não pagam contribuição, quer municipal quer do Estado: os armazens não vendiam tanto às escancaras e o imposto era muito maior do que actualmente.

Ora se d'antes a camara dispunha annualmente de 12 contos e vendia lenha da matta, apesar de nunca fazer melhoramentos alguns, a não ser o immortal e decantado Neptuno; as camaras d'agora que apenas teem 5 contos de rendimento e obras importantes em construcção, carecem de vender lenha, para supprimir a falta.

Isto mette-se pelos olhos dentro.

—

Mas vamos a ver as grandes idéas do *critico* como salvador da patria e das batatas E' agora a primeira vez que elle apresenta uma idéa. Vae-se ver de que raça é.

«A venda annual d'uma quarta parte da matta, com replantação immediata, dar-nos-ia um rendimento continuo, que podia ser consumido annualmente nos melhoramentos materiaes do concelho, constituindo uma magnifica receita ordinaria, visto que a matta poderia e deveria ser sujeita a uma divisão tal, para o effeito da venda, que ao deitar-se abaixo o ultimo talhão já o primeiro estivesse em condicções de ser posto em hasta publica.»

Isto é espantoso!

Quer o *critico* que a matta se divida em quatro partes. Corta-se a primeira n'um anno e no anno immediato semeia-se. No anno seguinte corta-se a segunda e semeia-se depois. No anno seguinte, a terceira. No anno seguinte, a quarta.

E depois?

Depois não havia mais mat-

ta: entende o critico que a matta cresce em tres annos; afim do côrte ser continuo!

Já alguem viu disparate maior?

Pois a camara está cortando matta ha 5 annos, com replantação immediata, e ainda não ha pinheiros novos d'altura de um metro.

Emfim o que podemos concluir é que o *critico* ouviu a licção, mas não a apprendeu. Troca tudo da maneira mais lastimavel...

—

O outro seu plano está aqui esboçado:

«Porque é que se não transformou o producto dos seus bens proprios (matta e terrenos alheados) em papeis de credito, cujo juro ou dividendo annual ficaria constituindo receita ordinario do municipio?»

Por este modo de ver quer o *critico* que quando se alheasse matta e terrenos, em completo, se collocasse o dinheiro em papeis de credito.

Para que?

Para em qualquer dia, esses papeis ficarem a valer tanto e a dar tanto juro como os do Banco Lusitano, Companhia dos Caminhos de Ferro, e, como as inscripções, que começaram a pagar-se os juros a 3 °/o do capital nominal; hoje a 2 °/o e ámanhã, quem sabe? a coisa nenhuma.

Papeis de credito?

Fracas idéas tem o nosso bom *critico* aprendido. Aprenda mas não use.

Póde esse systhema ser uma grande coisa, mas para o municipio nunca a acconselharemos. Mais vale ter pouco do que coisa nenhuma.

Ahi está a que se reduz o plano administrativo do *critico* da «Discussão», que se tem fartado de dizer mal dos administradores municipaes das duas ultimas gerencias. Ahi está quanto valem as suas opiniões e os conhecimentos adquiridos. Uma verdadeira desgraça!

Diz um proverbio arabe—«A lingoa é de prata e o silencio é d'ouro.» Se o *critico* conhecesse esse proverbio devia estar calado, não escrever uma só palavra sobre assumpto, em que é hospede, porque muitos, não o ouvindo, nem o lendo, haviam de suppor que sabia alguma coisa.

Assim fica no caso d'um celebre examinado judicialmente pelo dr. Silveira.

Lá vae a historia, que serve um pouco para lembrar o bondoso facultativo.

Requerera-se o processo de demencia contra um irmão do Joaquim da Maria Ignez, de Vallega. Procedia-se ao exame medico legal com os nossos conhecidos facultativos, Silveira e Amaral. O examinado conversava admiravelmente, era bastante instruido e, a proposito, o juiz dr. Abel do Valle perguntou-lhe se conhecia Pelletan e a sua obra *Le monde marche*. O examinado conhecia essa obra e descreveu o primeiro capitulo. Em face d'isto o juiz vira-se para quem estava e diz—«quem será capaz d'affirmar que o homem está doido?»

Responde-lhe o dr. Silveira= «devagar, sr. juiz, o homem hade desferrar-se». O velho facultativo foi conversando, conversando, até que lhe fallou em perseguições. D'ahi por deante o examinado começa a disparatar que é um louvar a Deus.

Tinha-se *desferrado*, na phrase do doutor Silveira. E porque? Porque tinha conversado de mais.

Ora o *critico* deve agora applicar o conto.

E para a outra vez o melhor será...não fallar em administração municipal. Senão cae no erro, que o dr. Silveira tão pittorescamente classificou.

=

O *enigma*, que o critico transplantou para o noticiario, tem graça e não offende.

Tambem a musica é um verdadeiro enygma para nós, que nunca lhe podemos metter dente apesar de gastar bons mezes em aprendizagem infructifera; tal qual como o nosso critico com a grammatica, da qual nunca soube patavina.

O critico não comprehende. 1.º que nós tenhamos instado para se fazerem as reparações das estradas,=2.º que a camara as votasse, —3.º que de Aveiro começassem a exigir orçamentos, esclarecimentos e certas minudencias, emfim que as taes formalidades, que nas secretarias chamam legaes, tenham embaraçado o andamento do processo, necessario para se obter a approvação.

Isto é que o homem não comprehendeu, parecendo-lhe um enygma o que escrevemos. Pois para qualquer outra pessoa, que saiba ler, embora pouco, o caso não é muito difficil.

Vir alardear semelhante ignorancia, é prova de pouco criterio.

Pesca

Durante esta semana faltou em absoluto a sardinha na nossa costa. Apenas appareceu algum *boqueirão* e carapau meudinho, que se vendeu, ainda assim, bastante caro.

As companhas não fizeram partilhas. Os lanços, deram empenho.

Com a falta de lucros e a subsistencia muito cara, a classe piscatoria vê-se a braços com uma crise seria.

Medidas camararias

A camara mandou intimar os escasseiros para não continuarem a fazer pilhas d'escassos dentro dos palheiros na costa do Furadouro, sob pena de se lhes applicar a respectiva multa.

Effectivamente, junto aos palheiros dos escasseiros, ninguem podia viver, por causa do pessimo cheiro que dos ditos palheiros sahia.

Os intimados devem fazer os montes de escasso no areal do sul da estrada, no antigo local.

—Egualmente foram intimados os dono de porcos de creação, residentes no Furadouro, para não os trazerem à solta.

Foram duas providencias acertadas, a questão é que a rigor se cumpram.

Selvagerías

Continuam as scenas de selvageria.

Agora *os graciosos* embicaram com a canalisação das aguas e bicas das fontes.

Na noite de sexta para sabbado appareceu quebrada a bica da fonte do logar da Ponte Nova e destruida parte da canalisação que conduz as aguas para os chafarizes, no ponto em que a canalisação passa por sobre o arco na ponte de João de Pinho.

Vão sendo muito frequentes estes crimes. Os capeamentos do Carregal e estrada do Furadouro desappareceram. Faltou parte do da fonte da Ribeira. Despedaçaram quasi todos os bancos das alamedas e pracas. Agora falta destruir a canalisação das aguas e o resto dos candieiros da illuminação publica.

Embora se não conheça o auctor do attentado, deve a camara participar o facto para juizo.

CHRONICA

Ovar, 22—7—98.

Continua a estiagem. Apenas da noute de segunda para a terça feira, pairou sobre nós uma trovoada, algum tanto temivel, que provocou uma granda mas rapida chuvada que refrescou ligeiramente os polvorulentos terrenos.

Pequeno amparo foi este n'um anno de tanta sequeira como o que vae passando. E a sequeira vae-se convertendo em fóme. Felizmente tem o governo procurado suavisar esta, mandando circular pelos diversos pontos do paiz os cereaes e as farinhas. E assim não é difficil encontrar-se em cada concelho a auctoridade administrativa tornada n'um verdadeiro José do Egypto a abrir os celleiros publicos ao povo n'este tempo das vacas magras. Cortava o coração ver domingo como esse povo procurava comprar a farinha, opprimido pelo receio de que não chegasse, como effectivamente não chegou, para tanta gente esmagada pela fóme. Embora fossem 50 saccas (de cinco alqueires) as que se distribuiram. Algumas pobres mulheres vi eu chorar.

Dôr immensa, estou certo, exprimem esses cantos tão arrastados que á noute se erguem pelas ruas ainda quentes pelos calores do dia. São as preces d'essa gente que, pelo mysterio da noute, se erguem até Deus a pedir chuva. E quando esse povo passa, mais serio do que n'uma procissão, eu descubro-me, porque a Lei do Nazareno me ordena, conjunctamente com a minha consciencia que é o meu juiz, humildar-me em frente dos humildes e bons. Desgraçados aquelles que se conservam impuros à sombra da minha religião qne é tão bella como sublime—mais desgraçados dos que os que morrem de fóme.

Antes, meu Deus, me leveis d'esta vida, novo ainda, do que me deixeis cahir no scepticismo.

Quando essa gente passa com esses cantos religiosos d'uma tristeza tão vaga e indefinida, julgo-a relativamente feliz, embora alguns d'elles tenham conhecido a fome.

Infelizes, malditos, julgo eu aquelles que, correndo atraz do appetite, cahem no vicio e na devassidão. Tenho visto e per sentido ultimamente algumas cousas que me ennojam e me irritam os nervos. Vem-nos o orientalismo quente, morbido invadindo assustadoramente.

Antes supportar a estiagem e morrer na fome do que cahir no vicio, na devassidão.

Julio Gomes.

De Luzo

Regressou hontem á noite de Luzo, acompanhado de sua ex.ma esposa, o nosso amigo sr. José Maria de Pinho Valente.

SONETO

—

Já me cancei d'amar, eu não tenho ventura,
As minhas illusões o tempo vae gastando;
O triste coração, esse vae-se cançando...
Só não vejo findar esta minha amargura!

O' fero desalento, eu sou um miserando,
Vae-te, deixa-me em paz, outro peito procura,
Não me faças soffrer, minh'alma não é dura,
Não pode resistir ao teu prazer nefando.

Que te resta em meu peito, ó cruel desalento?...
Vae-te, deixa-me em paz, meu longo soffrimento,
Sou qual folha a cahir, sem verdor, a murchar.

Vae-te, sombra da noite, eu não tenho esperança
De volver ao passado, aos tempos de creança,
Esse tempo não volta, eu cancei-me d'amar!

Ovar. *Caçador Nocturno.*

Hotel Cerveira

E' hoje que o incansavel Silva Cerveira abre o seu Hotel, na praia do Furadouro, que, além de ser muito espaçoso, está situado no melhor local da praia e que rivalisa não só em aceio, como em commodidades, com os melhores hoteis das praias de primeira ordem.

Em comidas, costuma ser um primor d'abundancia, pois tem sempre um pessoal habilitassimo; e os srs. banhistas são tratados com esmero, por preços verdadeiramente economicos.

Para commemorar a abertura do seu importante hotel dá hoje um opiparo jantar em honra da imprensa local e da de fora. Para este fim, consta-nos que o sr. Cerveira tem feito bastantes convites.

Pela nossa parte agradecemos a amabilidade do convite.

Para o Pará e Manáos

Na manhã de terça feira, seguiram d'esta villa viagem, com destino ao Pará e Manáos, os nossos amigos e conterraneos, srs. Antonio Lopes Fidalgo e seu genro Domingos Pereira Tavares; Joaquim de Mattos, filho do sr. José de Mattos; Antonio da Silva Carrelhas e sua ex.ma esposa; Ludegero Alves Ferreira Lopes e José d'Oliveira Gomes, filho e genro do do sr. Jeronymo Alves Ferreira Lopes.

Que tenham uma viagem feliz é o que sinceramente desejamos.

Trovoada

Na madrugada de terça feira pairou sobre nós uma violenta trovoada, acompanhada de fortes trovões e bategas d'agua, que, comquanto não fosse esta na quantidade precisa, veio no entanto beneficiar bastante os milharaes das terras altas, que se torciam já por falta d'agua.

—

No logar do Salgueiral de Baixo, d'esta villa, cahiu uma faisca no predio do sr. João d'Oliveira Campos, assombrando lhe a mulher.

Doente

Encontra-se bastante doente, o ex.mo sr. dr. Manuel Marques Pires, digno abbade de Vallega.

Fazemos votos pelas rapidas melhoras de tão illustre sacerdote.

Fallecimentos

Falleceu na terça feira em Cimo de Villa, a sr.ª Maria Joanna Dornas, tia do nosso amigo e assignante sr. José Maria Dias de Rezende, com padaria na rua de S. Thomé.

—

Tambem falleceu n'esse mesmo dia, o sr. Narcizo Rodrigues de Sousa, cunhado e tio dos nossos amigos e assignantes, srs. Caetano da Cunha Farraia, Antonio da Cunha Farraia e Augusto da Cunha Farraia, acreditados relojoeiros d'esta villa.

—

Succumbiu repentinamente, na quarta feira, n'esta villa, a sr.ª Joaquina d'Oliveira Trindade, esposa do do sr. Antonio Rodrigues Abbade e mãe dos nossos amigos e assignante srs. Nicolau Rodrigues Abbade e Antonio Rodrigues Abbade.

A todos os doridos enviamos sentidos pasames.

Exame

Fez mais um exame, de latim 6.º, no lyceu do Porto, ficando approvado, o estudioso e applicado estu-

dante Delfim José Rodrigues Braga, filho do nosso amigo sr. Nicolau José Rodrigues Braga, de Vallega.

Ao intelligente estudante e a seu pae os nossos parabens.

Modas

Se as nossas gentis leitoras quizerem saber tudo quanto essa endemoninhada beldade produz em Paris de mais adoravel *chic* e elegante na *toilette* feminina, não teem mais do que fazerem a assignatura da «Moda Elegante», excellente jornal dirigido por Madame Blanche de Mirebourg e publicado pela acreditada casa editora dos srs Guillard, Aillaud & C.ª d'aquella cidade.

O numero 29, que acabemos de receber e que temos presente, vem verdadeiramente encantador, apresentando não só numerosos modelos do mais apurado gosto de *toilettes* para praias, destinados a senhoras e creanças. mas tambem uma grande quantidade de gravuras sobre diversos trabalhos de costura e bordados, um lindissimo figurino colorido em separado e um molde cortado em tamanho natural d'um corpinho de phantasia.

No texto variado e interessantissimo destaca-se a chronica da moda de Madame B. de Mirebourg, cuja leitura recommendamos ao bello sexo e tambem a interessante chronica theatral de João do Palco.

«As Duas Rivaes»

Da importante e acreditada casa editora dos srs. Belem & C.ª, de Lisboa, recebemos as cadernetas numeros 23 e 24 do romance de Xavier de Montépin =«As Duas Rivaes».

O annuncio d'esta interessante publicação vae na 4.ª pagina.

A planta do riso

A titulo de curiosidade, transcrevemos d'um jornal estrangeiro a seguinte noticia:

Foi encontrada na Arabia a planta que faz rir. Tem propriedades taes, que obriga a rir as pessoas graves e sérias.

Essa planta foi encontrada em Kasser e em Oman, e é formada por grãos negros de fórma identica aos da ervilha. Esses grãos encerram o principio activo da planta, que tem um ligeiro sabor do opio e do assucar.

Uma vez pulverisados esses grãos tôma-se uma pequena dose e o *paciente* sente-se logo accommettido d'um frouxo de riso extraordinario, que o excita até às lagrimas.

Os effeitos da planta duram mais de uma hora, e durante esse espaço de tempo fazem rir, dançar, saltar e cantar a pessoa que a tomar.

Depois, sobrevem um repouso absoluto. Produz-se um somno profundo e duradouro, e quando um individuo desperta não se lembra de nada do occorrido.

A planta em questão é um verdadeiro convulsivo. Produz crises nervosas, e seria perigosissimo o abuso d'ella, e ainda mais o uso frequente.

AS JOIAS

Mr. Lantin conheceu u'um baile, dado pelo seu chefe, a filha d'um antigo recebedor e enamorou-se perdidamente d'ella. A belleza da donzella tinha um encanto de angelical pudor e o imperceptivel sorriso, que nunca lhe abandonava os labios, parecia um reflexo do seu coração.

Mr. Lantin, empregado no ministerio do interior com o ordenado annual de tres mil e quinhentos francos, pediu-a em casamento e foi attendido.

O casamento foi felicissimo e a tal ponto, que no fim de seis annos Lantin amava a mulher como no primeiro dia em que a conheceu. Só a podia censurar pelo amor que ella tinha ao theatro e às joias falsas.

A esposa do modesto empregado tinha varias amigas do collegio, que a presenteavam com cadeiras e ás vezes com camarotes, e quando com frequencia recebia esses obsequios, obrigava o marido a acompanhal-a. Outras vezes ia aos espectaculos publicos com qualquer visinha das suas relações.

Mas a paixão pelo theatro trouxe com ella a necessidade de se enfeitar com vistosas joias, embora fossem falsas. O marido reprehendi-a, dizendo-lhe que uma mulher só devia usar joias quando fossem verdadeiras, mas, sorrindo, ella respondia-lhe:

—Que queres, meu filho? Eu bem sei que tens razão; mas não me sinto com forças para dominar o meu vicio!

Uma noite, quando saiu do theatro da Opera, a esposa de Lantin sentiu-se incommodada, chegando a casa transida de frio. Recolheu logo á cama e, no fim de oito dias, exhalava o ultimo suspiro, victimada por um catharro pulmonar.

O pobre marido esteve a ponto de a seguir para a sepultura. Chorava desde pela manhã até á noite, com a alma torturada por um soffrimento lancinante, perseguido pelas saudades, pelo sorriso, pela voz, por todos os encantos da morta.

O tempo não lhe acalmou a dôr nem elle conseguiu distrair-se com os deveres do seu cargo publico. Além d'isso, a casa já não parecia a mesma. O ordenado que Lantin ganhava e que nas mãos de sua mulher era sufficiente para attender a todas as necessidades domesticas, então já não chegava para elle.

Contraiu dividas e teve de recorrer aos amigos como qualquer bohemio. Afinal, lembrou-se um dia de vender alguma coisa e recorreu às joias falsas de sua mulher, que, n'outro tempo, tanto o tinham indignado.

Fez uma busca nos escrinios e escolheu um espaventoso colar que, na sua opinião, poderia valer, quando muito, uns dez ou doze francos. Metteu-o na algibeira e dirigiu-se pelos boulevards ao ministerio, procurando uma loja de ourives que lhe inspirasse confiança.

Viu uma, entrou, e disse para o dono do estabelecimento:

=Desejava saber quanto póde valer isto.

O ourives examinou o colar, pesou-o, mirou-o de longe para lhe apreciar melhor o effeito, e respondeu:

—Na minha opinião, isto vale doze a quinze mil francos.

O viuvo ficou aterrado, sem comprehender o que se passava, materialmente convertido n'um idiota. Pegou no colar e saiu, obedecendo à necessidade de se encontrar só para meditar.

Depois de alguns minutos de reflexão, pensou que o ourives era um imbecil que se tinha enganado, não sabendo distinguir o verdadeiro do falso.

Poucos momentos depois, entrou n'outra ourivesaria da rua da Paz.

Apenas viu a joia, o dono do estabelecimento exclamou:

—Conheço este colar, porque fui eu que o vendi!

Latin, completamente perturbado, perguntou:

—Quanto vale?

—Deram-me por elle vinte e cinco mil francos e, se o senhor quer fico com elle agora por dezoito mil, logo que me justifique a sua legitima procedencia.

O negociante abriu um dos seus livros, percorreu algumas folhas e accrescentou:

—Este colar foi enviado ao domicilio de madame Lantin, rua dos Martyres, n.º 16, em 20 de julho de 1876.

=Por quem?

—Não me é possivel revelar o segredo.

Lantin pegou na joia e saiu para a rua, sem saber para onde dirigir-se e procurando baldadamente reaciocinar sobre o que lhe estava succedendo. Sua mulher não podia ter comprado um objecto de tanto valor. Então era um presente. Um presente? Mas... de quem?

A duvida tinha-o ferido em metade do coração e parecia-lhe que lhe fugia a terra debaixo dos pés. Sentiu febre e dirigiu-se apressadamente para casa, onde esteve a chorar quasi toda a noite, mordendo um lenço para não gritar.

No fim adormeceu, prostrado pela fadiga, e foi victima d'um pesadello horrivel.

Na manhã seguinte, voltou a casa do ourives da rua da Paz, que o recebeu com a mesma amabilidade da vespera e que lhe disse quando o viu:

=Tomei informações e sei que o colar lhe pertence. Portanto, se quizer a quantia que lhe offereci por elle, fecharemos o negocio.

—Não tenho inconveniente n'isso, respondeu Lantin. Além d'isso possuo outras joias, procedentes da mesma herança e que tambem o senhor talvez possa comprar.

=Como quizer.

—Pois eu vou já buscal-as.

O viuvo chamou uma carruagem e d'ahi a pouco voltou com as joias.

Quasi todas procediam d'aquella ourivesaria.

Lantin discutiu os preços, exigiu que apresentassem o livro de vendas e falava em tom mais alto à medida que augmentava o dinheiro que ia receber.

Os brincos de brilhantes valiam vinte mil francos; os braceletes, trinta e cinco mil; os broches, anneis e medalhões, dezesseis mil; um adereço de esmeraldas e turquezas, quatorze mil; sommando tudo cento e noventa e seis mil francos.

Lantin recebeu a importancia das suas joias e saiu para a rua onde se metteu n'outro carro para o levar ao ministerio, com o fim de apresentar a demissão do cargo que desempenhava, allegando que tinha herdado uma fortuna.

A' noite jantou n'um dos melhores *restaurants* de Paris e depois foi assistir ao espectaculo da Comédie. Pela primeira vez na sua vida, não lhe aborreceu o theatro.

Seis mezes depois, casou novamente com uma mulher, honradissima e incapaz de traír os seus deveres conjugaes.

Mas a segunda esposa, que tinha um genio de furia, fez-lhe passar uma vida amargurada.

Guy de Maupassant.

A DONZELLA E A ROSA

Sobre margem florea e bella
Vi um dia uma donzella
Divagar;
De repente, preçurosa,
Sorrindo, colhe uma rosa
De toucar.

Respira-lhe o doce aroma
O branco cheiro lhe toma
Vezes mil;
Mas outra mente lhe veio,
A rosa põe junto ao seio
Tão gentil.

Que ventura tão mimosa,
Que encantos, que a linda rosa
Lá colheu!
Como beija o seio d'ella!
Como aos mimos da donzella
Se rendeu!

Mas o ardor do lindo seio
Murcha a rosa n'esse enleio
Tão loução;
E a virgem, caprichosa,
Lança já a murcha rosa
Sobre o chão.

Eis que a pobre abandonada,
Em triste pranto banhada,
Diz assim:
—Vae, que a sorte, que me mata,
Perseguir-te ha-de, ó ingrata,
Como a mim.

Teus encantos soberanos
Roubar-te-hão esses annos,
Que lá vem.
E quem houver de gozar-te
Ha-de então abandonar-te
Com desdem.

Sem encantos, sem magia,
Chorarás em cada dia
Vezes cem,
Que a donzella mais a rosa
A mesma sorte enganosa
Ambas tem.

A. de Serpa Pimentel.

Despedida

Antonio Lopes Fidalgo e seu genro Domingos Pereira Tavares, tendo de retirar-se d'esta villa para a cidade do Pará (Brazil) e não podendo, como desejavam, por lhes faltar a escassez do tempo, despedir-se pessoalmente de todos os amigos de suas relações, fazem-no por este meio, dando a todos um saudoso abraço de despedida, e offerecendo-lhes ao mesmo tempo os seus limitados prestimos n'aquella cidade.

Ovar, 19 de Julho de 1898.

Vinho nutritivo de carne

Unico legalmente auctorisado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalisados pelo consul geral do imperio do Brazil. E' muito util na convalescença de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e exercita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda nas principaes pharmacias.

XAROPE PEITORAL
JAMES

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO

Reconhecida como precioso alimento reparador e excellente tonico reconstituinte. esta farinha, a unica legalmente auctorisada e privilegiada em Portugal, onde o uso quasi geral ha muitos annos, applica-se com o mais reconhecido proveito em pessoas debeis e idosas.

AS COSTUREIRAS

não devem renovar as suas assignaturas antes de terem visto o novo jornal de modas *"A Moda Elegante"*

As Agencias de Jornaes

podem dirigir os pedidos de representação á administração da "MODA ELEGANTE" em Paris, 96, boulevard [illegible]

Atlas de Geographia Universal

Descriptivo e Illustrado

Contendo 40 mappas expressamente gravados e impressos a cores, 160 paginas de texto de duascolumnas e perto de 300 gravura-representando vistas das principaes cidades e monumentos do mundo, paizagens, retratos d'homens celebres, figuras diagrammas, etc.

Obra dedicada á Sociedade de Geographia de Lisboa em commemoração do 4.º centenario da India.

Cada mez um fasciculo contendo uma carta geographia cuidadosamente gravada e impressa a cores, uma folha de 4 paginas de texto de 2 columnas e 7 ou 8 gravuras e uma capa pelo preço de 150 reis pagos no acto da entrega.

Pedidos á Empreza Editora do Atlas de Geographia Universal, Rua da Boa Vista, 62, 1.º Esq.—Lisboa.

Assigna-se tambem n'esta villa, em casa do sr. Silva Cerveira.

NOVIDADE LITTERARIA—ASSIGNATURA PERMANENTE

O FILHO DE DEUS

Novo romance de grande sensação e edição de luxo em papel de grande formato illustrado com finissimas gravuras francezas

3 folhas illustradas com 3 gravuras e uma capa, 60 reis por semana. Cada serie de 15 folhas, com 15 gravuras, em brochura 300 reis.

Dois brindes a cada assignante

Viagem de Vasco da Gama á India

Pedidos aos editores, Belem & C.ª, 26, Rua do Marechal Saldanha—Lisboa.

TYPOGRAPHIA
DO
OVARENSE

26, Largo de S. Pedro, 27

Esta casa encrarega-se de todo o trabalho concernente á arte typographica, onde serao executados com primor e aceio, taes como:

Diplomas, letras de cambio, mappas facturas, livros, jornaes rotulos para pharmacias, particpações de casamento, programmas, circulares, factura, recibos, etc., etc.

Tem á venda o Codigo de posturas municipaes do concelho de Ovar, contendo o novo addicionamento, preço 300 reis.
Bilhetes de visita, cada cento, a 200, 240 e 300 reis.
De luto, cada cento, a 400 e 500 reis.

EDITORES=BELEM & C.ª—LISBOA

AS DUAS RIVAES

NOVO ROMANCE DE GRANDE SENSAÇÃO
DE

XAVIER DE MONTEPIN

Auctor dos romances—A Mulher do Saltimbanco, Martyrio e Cynismo, As Doidas de Paris, O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma Herança, As Mulheres de Bronze, Os Milhões do Criminoso, Dramas do Casamento, As Victimas da Loucura e Crimes de uma Associação Secreta=publicados por esta empreza.

Versão de J. de Magalhães—Dois brindes a cada assignante

1.º brinde no fim do primeiro volume:

PANORAMA DA CIDADE DE LISBOA

2.º brinde a distribuir no fim da obra

PANORAMA DA CIDADE DO PORTO

Assignaturas—Cada semana serão distribuidas 3 folhas (grande formato) illustradas com 3 gravuras e uma capa pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega,—Cada série de 15 folhas illustradas, em brochura, 300 reis.

Pedidos aos editores BELEM & C.ª, Rua do Marechal Saldanha, 26. Lsboa.

REVISTA AGRICOLA

Orgão dedicado aos interesses, progresso, fomento e defeza da agricultura nacional

Proprietario e director

DR. ANTONIO JOSÈ DA CRUZ MAGALHÃES

A «Revita Agricola» é distribuida na ultima semana de cada mez em fasciculos de 24 a 32 paginna de texto, intercallado com photogravuras, phototypias e gravuras de animaes domesticos, alfaias agricolas, etc.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas adjacentes e Hespanha	3$000 reis
Provincias ultramarinas	4$000 reis
Brazil (moeda forte)	7$000 reis
Paizes fazendo parte da união postal	21 fr.
Fasciculo avulso	400 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, continuando até aviso em contrario.

Não se acceitam assignaturas por menos d'um anno, contando-se estas sempre desde janeiro.

Redacção e Administração, Praça do Marquez de Pombal, 111—Porto.

Agencia central, Livraria Nacional e Estrangeira, rua dos Clerigos, 8 e 10=Porto.

O DOMINGO ILLUSTRADO

HISTORIA E LITTERATURA

de todas as cidades,
villas e freguezias do reino,

Condicções de assignatura

Série de 26 numeros . . .	500 reis
Idem de 52 numeros . . .	900 reis

A correspondencia deve ser derigida ao proprietario A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 2.º—Lisboa.

A MODA ELEGANTE

O Jornal de Modas, o mais completo, dá cada semana 8 paginas de texto

UM MOLDE CORTADO E QUINZENALMENTE UM FIGURINO A CORES

ASSIGNATURAS—Portugal e ilhas:—Um anno 4$000 reis; seis mezes 2$100 reis; tres mezes 1$100 reis; numero avulso 10 reis; com figurino a cores 150 reis.

Toda a correspondencia particular deverá ser dirigida a Guillard, Aillaud & C.ª, em Paris, 96, boulevard Montparnasse. Mas afim de lhes facilitar o pagamento os srs, assignantes de Portugal podem enviar o importe de suas assignaturas em valles do correio á mesma firma, 242, rua Aurea, 1º—Lisboa.

Toda a pessoa que desejar ser agente d'este jornal, pode dirigir a sua proposta aos editores, em Paris, á qual se responderá com a maxima brevidade.

REMEDIOS DE AYER

Vigor do cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer==O remedio mais seguro que ha para cura da *tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.* Frasco reis 1$000, meio frasco 600 reis.

Extracto composto de Salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas. Frasco 1$000 reis.

O remedio de Ayer contra sezões=*Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer=O melhor purgativo suave nteiramente vegetal.

TONICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquisita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as affecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA
MARCA «CASSELS»
Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho

SABONETES DE GLYCERINA
MARCA «CASSELS»
Muito grandes. — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

PREÇOS BARATOS

VermifuGo deB.L.Fahnestock

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

SABONETES GRANDES DE GLYCERINA MARCA «CASSELS».—Amaciam a pelle e são da melhor qualidade, por preços baratissimos. Deposito geral: James Gassels e C.ª, Rua do Mousinho da Silveira, 85. Porto.

Perfeito Desinfectante e purificante de JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes, e cura feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias edrogarias—Preço 240 reis.

CACAU AMERICANO

E' ao mesmo tempo uma bebida estimulante e um alimento mais nutritivo que qualquer outra bebida. E' leve, fino, facil de digerir e completamente livre de alkali, ou qualquer outra materia extranha. Este cacau americano é mais commodo e mais barato que chocolate, café ou chà, e não excita os nervos como estes.

As pessoas que tomarem este cacau uma vez, jamais deixarão de o preferir ao chocolate, café ou chà, pois reconhecerão as suas qualidades nutritivas e agradavel paladar.

Unicos agentes em Portugal, James Gassels e C.ª Rua do Mousinho da Silveira, 85, Porto.

Séde da Redacção, Administração e Typographia, Largo de S. Pedro, n.os 26 e 27.—OVAR.